

Entre Medalhas e Invisibilidade: a Discreta Cobertura do Judô Feita Pelo Site do GE¹

Eduardo RITTER²
Universidade Federal de Pelotas (UFPEL)

RESUMO

Desde que foi ao ar pela primeira vez em 1978, o programa Globo Esporte se tornou um dos mais populares do Brasil. O sucesso na TV levou à criação do site do GE em 2005 com o intuito de realizar a cobertura do cenário esportivo brasileiro para além da limitação temporal da televisão. Todavia, o que se percebe é uma sobrerrepresentação do futebol em detrimento de outras modalidades esportivas. Uma delas é o judô, esporte que mais deu medalhas olímpicas para o Brasil na história. Neste artigo, valendo-se da Análise de Conteúdo de Bardin, são analisadas as escassas matérias publicadas sobre o esporte no mês de março de 2024, mesmo ano em que ocorre as Olimpíadas de Paris.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo esportivo; GE; judô; Análise de Conteúdo.

INTRODUÇÃO

Conforme dados do site oficial do Comitê Olímpico Brasileiro (COB³), até as Olimpíadas de Tóquio, disputadas em 2021, o Brasil conquistou 150 medalhas, sendo destas 37 de ouro, 42 de prata e 71 de bronze. A modalidade esportiva que mais trouxe medalhas para o país foi o judô, com 24, seguido por: vela (19), atletismo (19), natação (15), vôlei de praia (13) e vôlei (11). No mundo ocidental, o reconhecimento da popularidade do esporte criado em 1860 pelo educador japonês Jigoro Kano (1860-1938) acontece inicialmente nas Olimpíadas de Tóquio de 1964, quando o judô é incluído como um esporte demonstrativo e, posteriormente, nos Jogos de Munique de 1972, quando medalhas olímpicas da modalidade passam a ser disputadas.

No Brasil, de acordo com a Confederação Brasileira de Judô (CBJ⁴), são aproximadamente 3.700 instituições de ensino com a prática do esporte, além de 1.952 clubes federalizados. Ainda conforme a entidade, o número de atletas federados, aptos a disputar competições, fica em torno de 85 mil, além dos praticantes eventuais, que

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Comunicação e Esporte, evento integrante da programação do 21º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte, realizado de 22 a 24 de maio de 2024.

² Professor do Curso de Jornalismo do Centro de Letras e Comunicação (CLC) da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), email: rittergaucho@gmail.com.

³ Disponível em: <https://www.cob.org.br/pt/cob/time-brasil/brasil-nos-jogos/resultados>. Acesso em 1º de abr. de 2024

⁴ Disponível em: <https://cbj.com.br/pt/>. Acesso em 1º de abr. de 2024.

elevam o número para 2,5 milhões de brasileiros. Diante do histórico e dos números apresentados, surge a questão: como é feita a cobertura do esporte pelos veículos de jornalismo esportivo brasileiros? Esta é uma pergunta ampla, portanto, para encontrarmos pistas para tal resposta, definimos como objeto de pesquisa a cobertura feita pelo site do programa de televisão esportivo mais conhecido do Brasil e que pertence ao maior conglomerado midiático do país: o Globo Esporte, da Rede Globo de Televisão. Para tanto, foram selecionados os textos e vídeos publicados pelo site no mês de março de 2024 que abordam o tema judô.

Feitas estas breves considerações, neste resumo expandido do artigo, inicialmente são apresentadas algumas reflexões teóricas sobre jornalismo esportivo e a prática do judô para posteriormente ser abordada a metodologia e, por fim, serem apresentados e interpretados os resultados.

1 JORNALISMO ESPORTIVO NO BRASIL

Historicamente, no Brasil o jornalismo esportivo quase sempre esteve relacionado ao futebol. Coelho (2009) comenta que já na década de 1910 o esporte já era abordado pelo jornal *Fanfulha*, de São Paulo. “A *Fanfulha* é até hoje a grande fonte de consulta dos arquivos do Palmeiras sobre as primeiras décadas do futebol brasileiro” (COELHO, 2009, p.8). No entanto, nos jornais do Rio de Janeiro, no início do século XX o futebol perdia espaço para outros esportes, tais como remo e o hipismo. Em um primeiro momento, tanto o público quanto os profissionais da imprensa olham com desconfiança para o esporte recém importado da Inglaterra. “No início do século XX, o principal tema esportivo discutido em jornais e revistas não eram os jogos pelos campos das principais cidades, mas os benefícios ou prejuízos que esse esporte poderia trazer” (RIBEIRO, 2007, p.27). Com o tempo, porém, a situação se inverteu. O futebol passou a dominar o espaço dedicado aos esportes, primeiro nos jornais e revistas, mais tarde no rádio e na TV e contemporaneamente nos veículos que trabalham com jornalismo esportivo na internet. Até mesmo os autores que abordam a temática em artigos e livros dedicam poucas páginas para o que geralmente é chamado de “outros esportes”.

Todavia, vale lembrar que conceitualmente o jornalismo esportivo “é uma área dentro do jornalismo especializado que, através das técnicas e métodos de produção jornalística, dão conta do universo do esporte” (RITTER, 2021, p.281). Ou seja, as

práticas de jornalismo esportivo seguem as prerrogativas técnicas, profissionais e éticas inerentes ao jornalismo enquanto profissão.

Dentro do universo da cobertura esportiva, porém, há as suas próprias divisões. “Nas editorias de esporte, geralmente fica bem separada a equipe que se dedica a futebol da que faz outras modalidades” (COELHO, 2009, p.36). Tal constatação demonstra como os veículos priorizam a cobertura acerca do esporte mais popular do país em detrimento dos demais. O que se questiona neste artigo, no entanto, não é que os outros esportes tenham espaço exatamente igual ao do futebol ou de que os veículos façam uma cobertura que desagrade ao seu público, mas sim, que a cobertura feita, especialmente na internet, onde há amplo espaço para um acompanhamento mais democrático, a abordagem seja mais intensa e profissional. O que acontece na prática é que quando um jornalista se especializa em um esporte para além do futebol, ele acaba sendo destacado para a cobertura poliesportiva de maneira geral. “Com as redações, em geral subdivididas em futebol e área poliesportiva, o jornalista que faz basquete, por exemplo, acaba também fazendo vôlei, atletismo ou boxe, mesmo que goste ou se dedique mais a um desses esportes” (UNZELTE, 2009, p.97).

Nesse contexto que em agosto de 1978 surge o programa Globo Esporte (GE), produzido e veiculado pela Rede Globo de Televisão. Rapidamente o noticiário esportivo se tornou o mais popular do Brasil sobre a temática, ganhando a sua página na internet a partir de 2005. Hoje, o *site* do GE define o programa como:

O 'Globo Esporte' tem a proposta de trazer para perto do telespectador o espetáculo e a emoção do esporte, além de acompanhar o cotidiano e o trabalho de atletas, destacar exemplos de esportistas e treinadores que superam as dificuldades do dia a dia e mostrar projetos que utilizam o esporte como ferramenta de inclusão social. Dentre as diversas matérias do 'Globo Esporte', destacam-se as que mostraram os saltos de ginastas brasileiros, a vitória dos pilotos na Fórmula 1; os títulos das seleções de vôlei; os gols e a festa das torcidas nos campeonatos nacionais e estaduais de futebol⁵.

Ou seja, não há nenhuma explicitação na proposta apresentada pelo programa de priorizar o futebol, contudo, é o que acontece tanto no programa que vai ao ar na TV aberta pela Rede Globo, quanto na cobertura feita pelo site do programa *online*. Na versão completa do artigo, há ainda a contextualização histórica do surgimento do judô

⁵ Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/esporte/telejornais-e-programas/globo-esporte/noticia/evolucao.ghtml>. Acesso em: 01 de abr. de 2024.

e a sua chegada ao Brasil, no entanto, para o resumo expandido seguimos para os procedimentos metodológicos.

2. METODOLOGIA

Para a realização do artigo, optou-se pela Análise de Conteúdo, de Bardin (2011). Tal procedimento é “um conjunto de instrumentos cada vez mais sutis em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a ‘discursos’ (conteúdos e continentes) extremamente diversificados” (BARDIN, 2011, p.15). Herscovitz, por sua vez, compara o trabalho do pesquisador ao de detetives que busca pistas “que desvendem os significados aparentes e/ou implícitos dos signos, e das narrativas jornalísticas, expondo tendências, conflitos, interesses, ambiguidades ou ideologias presentes nos materiais examinados” (HERSCOVITZ, 2008, p. 123).

Bardin (2011) apresenta as três etapas da Análise de Conteúdo, utilizadas nessa pesquisa: a primeira fase é a pré-análise, que remete a uma fase de organização. Nessa etapa, o pesquisador escolhe o material a ser submetido à análise, a formulação das hipóteses e dos objetivos, além da elaboração dos indicadores para a interpretação final. A segunda fase é a de exploração do material. “Se as diferentes operações da pré-análise forem convenientemente concluídas, a fase de análise propriamente dita não é mais do que a aplicação sistemática das decisões tomadas” (BARDIN, 2011, p.131). Por fim, a terceira prevê o tratamento dos resultados obtidos e interpretação. Nessa etapa os resultados brutos são tratados para serem significados e validados. Para tanto, outro elemento importante é a inferência. Para a autora, o interesse dos resultados está, sim, “no que estes nos poderão ensinar após serem tratados (por classificação, por exemplo) relativamente a ‘outras coisas’” (BARDIN, 2011, p.44). A inferência consiste no processamento de derivação feita a partir dos dados e tidos como verdadeiros.

Assim, feita a pré-análise, foram identificadas três categorias principais. A primeira é a “cobertura do evento”, que é quando a pauta abordada na matéria se relacionada com alguma competição de judô, afinal, uma das características do jornalismo esportivo, inclusive o *online*, é a cobertura das disputas. “Todos os portais, no geral, trabalham dessa maneira, pois de certo modo são reféns do calendário e não há como fugir do mecanismo” (FRANGE, 2016, p.77) A segunda categoria é chamada de “personagem”, que é quando o texto aborda a trajetória de vida de algum (a) judoca, que

geralmente visa aprofundar alguma história de superação. “Ao ter uma ação empática com a pessoa entrevistada, jornalistas terão condições de lidar com as diferenças e ter assim mais possibilidades de produzir narrativas menos reducionistas” (MAIA, 2021, p.129). Por fim, a última categoria foi nomeada de “inesperado”, que se trata de “aquilo que irrompe e que surpreende a expectativa da comunidade jornalística” (TRAQUINA, 2005, p.84).

3. A TÍMIDA (E PRECÁRIA?) COBERTURA DO JUDÔ PELO SITE DO GE

Enquanto no artigo completo são feitas as inferências mais aprofundadas, no resumo apresentamos os principais resultados, que podem ser sintetizados na tabela abaixo:

Nº	Título da matéria	Data	Categoria	Vídeo
1	Willian Lima fatura bronze para o Brasil no Grand Slam de Tashkent	01/03	Cobertura de evento	Transmissão Sportv
2	Promessa do judô aos 16 anos recorre a rifas e bingo para custear preparação visando o Mundial	01/03	Personagem	Arquivo pessoal
3	Larissa Pimenta conquista o ouro no Grand Prix da Áustria de judô	08/03	Cobertura de evento	Jornal Hora 1
4	Leonardo Gonçalves e Beatriz Souza conquistam o ouro no Grand Prix da Áustria de judô	10/03	Cobertura de evento	Transmissão Sportv
5	Rafaela Silva e William Lima são bronze no Grand Slam de judô	22/03	Cobertura de evento	Transmissão Sportv
6	Georgiana conquista o ouro e é pedida em casamento no Grand Slam de Tbilisi	22/03	Inesperado	Transmissão Sportv
7	Guerreira! Atleta de judô luta contra doença autoimune e conquista vaga em competição regional	27/03	Personagem	Sem vídeo
8	Jéssica Lima é prata na etapa de Antalya do Grand Slam de judô	29/03	Cobertura de evento	Transmissão Sportv
9	Guilherme Schimidt conquista o bronze no Grand Slam da Turquia	30/03	Cobertura de evento	Transmissão Sportv

Tabela 1: As nove matérias publicadas pelo site GE sobre judô em março de 2024

Pode-se observar facilmente que, no período de um mês inteiro (março de 2024), ano em que será realizada a Olimpíada de Paris, o site do GE publicou apenas nove textos jornalísticos abordando a temática judô, sendo que seis foram a cobertura de eventos, informando os resultados das lutas, sem aprofundamento (conforme exposto no artigo completo). Ou seja, mesmo tendo as diversas possibilidades do universo *online*, o

site do GE não deu conta de cobrir o esporte que mais deu medalhas olímpicas ao Brasil e que conta com mais de dois milhões de praticantes. “A demanda de conteúdo nos *sites* especializados em esportes é enormes, e todo o veículo de comunicação expressivo procura ao menos registrar tudo o que acontece no meio” (FRANGE, 2016, p.75).

No caso do site do GE, mesmo pertencendo ao maior conglomerado de comunicação do país, percebe-se que a cobertura não dá conta nem quando o assunto é o acompanhamento de eventos, pois não foi identificada a cobertura da preparação dos atletas e muito menos do dia-a-dia ao longo das competições. Conforme exposto na tabela, e aprofundado no artigo completo, são publicados apenas textos com os resultados dos brasileiros em competições internacionais após o término da disputa. Em síntese, a pesquisa aponta que a cobertura do GE sobre o judô, bem como acontece com outros esportes para além do futebol, é discreta, rasa, incompleta, tímida, chegando a flertar com o amadorismo dos primeiros anos de jornalismo esportivo brasileiro, seja por desinteresse ou por falta de qualidade.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011.
- COELHO, Paulo Vinícius. **Jornalismo esportivo**. São Paulo: Contexto, 2009.
- FRANGE, Marcelo Bechara Souza Nassar. **A produção do jornalismo esportivo na internet**. São Paulo: Appris, 2016.
- HERSCOVITZ, Heloiza Golbspan. **Análise de conteúdo em jornalismo**. In: LAGO, Cláudia.; BENETTI, Márcia. (Orgs.). *Metodologia de pesquisa em jornalismo*. Petrópolis: Vozes, 2008. p.123-142.
- KANO, Jigoro. **Judô Kodokan**. São Paulo: Cultrix, 2009.
- LINHARES, Marcos. **Nos bastidores do jornalismo esportivo**. São Paulo: Celebris, 2006.
- MAIA, Marta. **PERFIL**. In: ZAMIN, Angela; SCHWAAB, Reges. *Tópicos em jornalismo – redação e reportagem*. Florianópolis: Insular, 2021.
- RIBEIRO, André. **Os donos do espetáculo**. São Paulo: Terceiro Nome, 2007.
- RITTER, Eduardo. **Esporte**. In: ZAMIN, Angela; SCHWAAB, Reges. *Tópicos em jornalismo – redação e reportagem*. Florianópolis: Insular, 2021.
- TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo – Volume II**. Florianópolis: Insular, 2005.
- UNZETTE, Celso. **Jornalismo esportivo – relatos de uma paixão**. São Paulo: Saraiva, 2009.